

Mahmoud Muhammad Taha e a questão da mutilação genital no Sudão

Ana Flávia Souza Aguiar¹

Nesse trabalho será apresentado um caso de conflito relacionado à mutilação genital no Sudão em 1946. Para isso, será visto brevemente como se deu a islamização do Sudão e em seguida a biografia de Mahmud Muhammad Taha, para então nos debruçarmos sobre o caso.

Islamização do Sudão

A islamização do Sudão começa no século XIV com a conversão dos sultões do Sultanato Funj e Fur, influenciados por comerciantes árabes. Os sultões Funj adotaram costumes islâmicos, aprendendo com muçulmanos eruditos que os ensinavam a religião e o misticismo sufi. Os sultões usavam do simbolismo islâmico para ganhar prestígio, porém o monopólio de mercadorias não estava de acordo com a *shari'a*. Já no começo do século XVII, mercadores muçulmanos invocaram a jurisprudência islâmica em cortes ao lidar com questões de disputa comercial. A jurisdição independente desses muçulmanos ajudou a enfraquecer o poder dos Funjes. Concomitantemente, Darfur, no oeste do Sudão, dominada pelo Sultanato Fur se relacionava bem com a costa Oeste da África, por conta do comércio e recebia influência muçulmana vinda do Magrebe, islamizando a população. O sul do Sudão era ocupado por diversas tribos não islâmicas e por toda a região haviam pequenas tribos que fugiam da escravização se escondendo em pântanos e áreas montanhosas, escapando dos sultanatos escravagistas Fur e Funj. A elite nativa sudanesa aderiu ao Islã, alguns apenas nominalmente, não na prática. James Bruce (1730-1794), viajante do século XVII descreve como governantes Funj comiam carne de porco em segredo. O Islã que chegou no Sudão sempre esteve atrelado com sufismo, milagres e danças e a *shari'a* aparece como pano de fundo.

De 1821 a 1885 parte do Sudão ficou sob o domínio colonial dos Turcos que invadiram o Egito. O regime dos turcos no Sudão afirmava promover valores culturais dignos que os africanos ainda não tinham conseguido atingir por si sós. Leis e cultura

¹ Mestranda em Ciência da Religião pela PUC/SP.

eram usadas como justificativas para a confiscação de riqueza utilizadas para organizar o governo. A política religiosa impôs o Islã otomano baseado na *shari'a* como religião oficial. O uso da *shari'a* em corte prejudicava a autoridade religiosa de *shaykhs* sufi e enriquecia comerciantes quando lidava com questões de escravização e posse de terra. Assim, rapidamente a jurisdição da *shari'a* passou dos turcos para todos os muçulmanos sudaneses.

De 1881 a 1898 o Sudão esteve submetido ao governo inspirado nas ideias de Muhammad Ahmad (1844-1885), chamado de *al-Mahd*². Figura da escatologia islâmica, o guiado sa que virá antes do dia da ressurreição para trazer ao mundo justiça e equidade. Ele não é citado no Corão nem na compilação canônica de *hadiths*, sendo, portanto, desacreditado por muitos sunitas. É especialmente importante para xiitas, como visto no capítulo I. Houve na África uma onda de grupos mahdistas anticolonialistas. Cito Enzo Pace, estudioso do Islã:

O mahdismo africano, em última análise, constitui a tentativa original, da parte de povos que se tornaram muçulmanos, de interpretar, com características culturais autóctones, princípios e regras de conduta próprios do Islã. O *Mahdi*, com efeito, não é apenas um líder carismático, mas o salvador esperado, enviado por Deus para libertar neste mundo os seres humanos do mal e da opressão e para estabelecer o reino do bem. O *mahdi*, por isso, pondo a prova o seu carisma extraordinário, e considerado pelos seus seguidores como o depositário das razões últimas do bem e do mal, o polo espiritual e transcendente que se revela enfim aos seres humanos sedentos de justiça (PACE, 2005, p. 245).

Muhammad Ahmad foi sufi e liderou uma revolução anticolonial. O *mahdi* tomou controle do governo instituído pelos turcos. Ele encontrou apoio na aversão aos europeus com o discurso de liberar o país do domínio estrangeiro. No seu governo, Ahmad iniciou o movimento mahdista, baseado em um Islã que volta as escrituras por meio de leituras contemporâneas de movimentos reformistas, retornando ao sufismo do vale do Nilo e versões milenaristas do Islã que foram populares no Oeste Africano.

Durante o período mahdista muitas tribos foram desfeitas através de migração forçada e queima de suas árvores genealógicas. O uso do véu era imposto sobre as mulheres livres e proibido às mulheres escravizadas. Mulheres livres que trabalham

² O título *mahdi* (مهدي) pode ser traduzido por “guiado divinamente”

no campo também não podiam usar o véu porque mulheres trabalhadoras eram vistas como vergonha social. Leis de divórcio e o direito de ir e vir também eram restritos. Diversas leis em relação as mulheres iam contra os costumes locais. Por exemplo: tradicionalmente sudanesas podiam ser donas de terra, contra as leis mahdista. O estado foi centralizado e o regime fiscal estabelecido era baseado no Islã. Os mahdistas expulsaram um governo colonial da África, e foram dominados por outro. No fim do século XIX, a superioridade militar europeia domina a África praticamente inteira e a coloniza. Quando em 1898 o general Herbert Kitchener (1850-1916) entrou em Omdurman e matou cerca de 15 mil soldados mahdistas o governo inglês alegou ter chegado para resgatar o Sudão das atrocidades do Mahdi

A partir daí o Sudão ficou submisso a dois poderes imperialistas, britânico e egípcio sendo o britânico mais presente. A infraestrutura do país sofreu grandes mudanças com construções de estradas de ferro, portos e barragens, canais de irrigação. Ainda assim, não houve industrialização. A interação dos britânicos com o Islã foi particular, diferentemente dos franceses, eles cooperavam com líderes religiosos. No começo, com desconfiança, mas em pouco tempo passaram a encorajar o proselitismo islâmico, e não somente tolerá-lo. Segundo Silvério, que fez um resumo daquela coleção história da África, cito:

Preferiam tratar com africanos islamizados a lidar com africanos cristianizados. Também a influência modernizadora do Islã era apreciada pelas potências coloniais, que teria declarado considerá-lo “uma ponte entre o estreito particularismo da sociedade tradicional e os vastos impulsos e exigências da vida moderna e dos interesses econômicos” (SILVÉRIO, 2013, p. 408).

O Islã teve um período próspero durante o colonialismo inglês, socialmente era considerada uma religião autóctone, ser muçulmano não era considerado um rompimento com a tradição. O governo britânico instalou o conselho de ‘*ulamas* (علماء) – especialistas religiosos, legistas da *shari’a* vindos do Egito. A rede de cortes de *shari’a* era apoiada por um *mufti* (مفتي) que fazia decisões oficiais sobre questões relativas a *shari’a*. A jurisprudência islâmica tratava sobre tópicos familiares, as outras leis eram desenvolvidas pelo governo colonial, que as importava do governo colonial indiano, e dos costumes sudaneses. A transição de um governo nativo para um colonizador não aconteceu sem conflitos. No Norte, a resistência sudanesa, formada

pela elite intelectual, os mahdistas e nacionalistas religiosos promoveu diversas revoltas, no espírito da *jihad*, que acabaram em 1908 com a execução pública do líder mahdista. No Sul as milícias locais continuaram combatendo o regime britânico.

O império britânico voltou a instituir o sistema de cortes *shari'a* criado pelos turcos. Em 1914, com a declaração de guerra contra a Turquia o Império mudou de estratégia, se aliando com lideranças sufi que ofereciam apoio político, mas também se aliou com o novo líder mahdista, com líderes das *tariqats* e lideranças tribais. Esse foi um panorama geral de como se deu a islamização do Sudão e a presença da *shari'a* no país, que será importante para entendermos o conflito em si.

Taha

Mahmoud Muhammad Taha nasceu na virada do século XIX para o século XX. Ele não sabia exatamente o ano de seu nascimento, algo entre 1909 e 1911 na região do Nilo azul, parte economicamente mais desenvolvida do norte do vale do rio Nilo. Criado por uma escrava não muçulmana, Taha era escarificado com três linhas verticais em cada bochecha, marca da sua tribo Taha recebeu uma educação rural em *khalwas*, escolas sufi (sufismo que é a vertente mística do islã) Taha e envolveu com o nacionalismo sudanês e fundou o partido republicano em 1945 que tinha como objetivo lutar pela independência do Sudão.

Conflito

Desde os anos 30, o governo britânico se posicionava contra a mutilação genital. Em 1945 os serviços médicos do Sudão lançaram uma campanha contra a prática e *muftis* especialista em jurisprudência islâmica alertaram a população que a prática era anti-islâmica. Em setembro de 1946, foi adicionado ao código penal sudanês a seção 284A, proibindo uma prática de grave de mutilação genital feminina, conhecida como circuncisão faraônica ou infibulação, que consiste na remoção do prepúcio, clitóris, lábios maiores e menores.

Muitas mulheres do norte do Sudão praticavam o que era visto como pré-requisito para o casamento. A lei causou polêmica, Ina Beasley, professora do governo colonial esteve presente na campanha contra a mutilação, estudou as reações da população na época. Segundo ela, mulheres adultas consideravam que os homens tinham conhecimento sobre religião. Eles falavam que elas deveriam fazer

o procedimento pela religião, e elas faziam. De repente, homens estavam falando que a prática é antirreligiosa e que elas deveriam parar. Para as mulheres, se eles aceitassem casar com não circuncisadas elas parariam de fazer a cirurgia.

Para o partido republicano, o governo britânico buscava através dessa lei expor o Sudão como um país retrógrado, inapto para independência. Para eles, a prática não pararia de acontecer através de uma imposição, mas sim pela educação. A lei era considerada ineficiente e contra produtiva pois a prática estava enraizada na cultura do povo, que não deveria ser julgado criminalmente por seguir seus costumes. Os Republicanos acreditavam que se o governo britânico estivesse realmente preocupado com a saúde das mulheres eles se empenhariam em educá-las., para que através de sua educação e autonomia elas fizessem a escolha de não praticar a mutilação. O partido se organizou em protestos nas ruas e em mesquitas contra a lei.

Ainda em setembro de 1946, a mãe de uma mulher que praticou a mutilação foi presa e condenada a quatro meses de prisão em Rufa. Taha se manifestou contra e clamou por uma *jihad*, argumentando: se alguém não atua em defesa de uma vítima, Deus não atuará em sua defesa no futuro. O partido organizou uma passeata, começando em uma mesquita e terminando na frente da prefeitura de Rufa. A mulher foi solta durante o dia e presa novamente na mesma noite. No dia seguinte escolas e comércio fecharam. Taha liderou uma manifestação com milhares de homens que foram até a prefeitura demandar a liberação da mãe. Enfurecidos, manifestantes atiraram pedras contra o prédio, onde estavam oficiais britânicos. Os homens ameaçaram os oficiais de morte e prometeram circuncisar a mulher de um deles. A mãe foi liberada.

No dia seguinte, o governo enviou uma tropa de soldados não árabes para Rufa. Houve confronto. Taha e outros 16 homens foram presos. No julgamento, Taha recusou a se defender e foi condenado a dois anos de prisão por incitar ódio contra o governo. Os outros homens tiveram penas mais leves. Após o caso, militantes do partido foram presos por fazerem discursos públicos em defesa de Taha. Clubes fecharam protestando contra sua prisão e militantes pró-Egito se manifestaram em sua defesa.

Apesar de Taha estar em evidência no momento, os panfletos do partido republicano e os jornais que noticiavam os acontecimentos tinham um público limitado, visto que somente 4% da população Sudanesa era alfabetizada, desses, a

maioria homem. A posição de Taha era contra políticas colonialistas e não contra a mutilação genital em si. Ainda assim, a repercussão do caso fez com que o governo britânico e outros líderes locais parassem de fomentar ações ativas contra a mutilação genital feminina. Segundo Thomas, depois do incidente a prática continuou mesmo entre famílias republicanas. O Sudão se tornou independente em 1956, Taha foi preso pelo conflito, Taha usou o período da prisão como retiro espiritual sufi, mesmo depois de sair da prisão se manteve em uma rotina de jejum e oração. Nesse período ele desenvolveu uma proposta de leitura do Corão no qual ele se torna compatível com os valores da modernidade. Taha passou o restante de sua vida militando pelo que ele chama de Segunda Mensagem do Islã, ele foi acusado de apostasia e morto decapitado em praça pública em 1985. Procuramos assim, apresentar o caso, complexo, em que a luta anticolonizadora entrou em conflito com a própria defesa feita por Taha.

Referências

- PACE, E. *Sociologia do Islã: fenômenos religiosos e lógicas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SILVÉRIO, Valter Roberto (ed.). *Síntese da coleção História Geral da África: Séc. XVI ao séc. XX*. Brasília: MEC/UFSCar, 2013.